

CARINA RISSI

No mundo da Luna

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2015



VERUS
EDITORA

1

Eu odeio meu trabalho! Eu odeio meu chefe! Eu odeio minha vida!
Ah, eu também odeio segundas-feiras.

Existem pessoas que têm sorte e conseguem trabalhar naquilo que gostam. E existem pessoas como eu, que chegaram perto, mas tão perto, que quase tocaram o sonho, só para vê-lo evaporar feito fumaça.

Onde é que eu estava com a cabeça quando pensei que trabalhar na revista *Fatos&Furos* fosse a melhor coisa do mundo? Tudo bem que eu tinha acabado de sair da faculdade e o *grande* redator-chefe Dante Montini era um deus entre os estudantes de jornalismo — e isso me incluía —, de modo que trabalhar com ele era uma espécie de sonho coletivo. Se ao menos eles soubessem quem é o verdadeiro Dante...

Soltei o ar com força, equilibrando o celular entre o ombro e a orelha enquanto ligava o computador arcaico sobre a minha mesa, posicionada na entrada da revista, em frente a um painel repleto de capas antigas da *Fatos&Furos*. As instalações ali não eram grandes. A antessala — onde eu fora exilada — contava apenas com uma mesa, uma cadeira rosa e o imenso painel. O coração da revista funcionava numa sala espaçosa dominada por diversas mesas. A copa era minúscula e só comportava uma pessoa de cada vez. E havia ainda a sala do Dante, o único que tinha um pouco de privacidade, apesar da janela alta com visão total da redação.

Eu sabia que estava de mau humor, mas quem poderia me culpar?

Qual é a probabilidade de você encontrar o cara que te traiu durante meses com a vizinha em uma cidade com quase dez milhões de habitantes? Uma em um zilhão?

Claro que, com a sorte que eu tinha, eu toparia com ele. E é evidente que o Igor estaria lindo e radiante, os cabelos claros ligeiramente ondulados bem-com-

portados, os olhos azuis com carisma de sapato novo, e eu obviamente não estaria em um dos meus melhores dias — estava chovendo, e meus cabelos cacheados se revoltavam ao menor sinal de umidade. E era por isso que eu evitava a todo custo chorar em público.

“Me dá mais uma chance, Luna. Eu mudei!”, ele implorara um pouco mais cedo, em frente ao prédio de fachada cinzenta no centro da cidade, onde eu trabalhava. Era mais fácil acreditar que palestinos e israelenses dariam as mãos e dançariam nus em volta da fogueira de Beltane, na Escócia, do que em qualquer coisa que aquele canalha dissesse. De modo que soltei um sonoro e altivo “Me esquece, porra!” e o deixei falando sozinho.

Eu ficara tão zangada que podia matar qualquer um que se atrevesse a me olhar por mais de dois segundos, então passei a mão no celular e liguei para minha amiga antes que pudesse voar sobre um dos engravatados que trabalhavam no andar de baixo do da revista, em um escritório de advocacia, e que me lançavam sorrisinhos idiotas enquanto entrávamos juntos no elevador.

Sabrina atendeu no segundo toque e eu fui contando tudo aos trancos ao seguir rumo ao oitavo andar.

— Eu não acredito que o Igor teve a cara de pau de te procurar de novo, Luna — minha amiga comentou, indignada. — Quando esse cara vai cair na real e perceber que você tá muito melhor sem ele? Qual foi a mentira que ele contou dessa vez?

— As mentiras de sempre. Disse que não foi culpa dele, que quando se deu conta a mão já estava no decote da Samara, que foi um acidente e que não passou de uma única vez.

— Você não caiu nessa, né?

— Era só o que me faltava, Sá! — reclamei ao celular. — Não acredito no que o Igor diz faz tempo.

— Ah, graças a Deus! Fiquei com medo de que você tivesse uma recaída e me obrigasse a te manter em cárcere privado para não fazer nenhuma bobagem.

Eu ri. A Sabrina era a melhor amiga do mundo, e também minha colega de quarto, por assim dizer. Dividíamos o apartamento havia cinco anos. Nós nos conhecemos quando moramos na mesma república, eu cursava jornalismo e ela, arquitetura. Ela era engraçada, sempre me entendia e era a única pessoa que, vez ou outra, usava palavras como “inócuo”, “acurado”, “loquaz”, “incólume” e esse tipo de coisa que ninguém nunca usa sem parecer idiota. Eu me apaixonei por ela — não, não desse jeito! — imediatamente.

Minha amiga estava se dando bem na vida, conseguira uma vaga na renomada Oliver Design como estagiária anos antes e acabou sendo efetivada, além

de se tornar assistente do figurão. Sabrina planejava em breve assumir alguns projetos sozinha. Enquanto isso, eu seguia em meu emprego medíocre.

— Escuta só essa — eu continuei, girando de um lado para o outro na cadeira rosa. — O Igor disse que esses últimos três meses foram horríveis e que sente muito a minha falta. E que ele acha que a gente pode superar isso tudo.

— Talvez ele possa mesmo — concordou Sabrina —, mas você não.

— Não levo muito jeito pra mulher de malandro. Eu queria tanto bater nele quando ele disse que ainda me amava que a minha mão chegou a coçar.

Tá legal, parte de mim — aquela parte idiota e romântica que acredita em finais felizes e que chocolate diet não engorda — quis acreditar nele. A gente foi feliz junto... Isso é, antes de ele começar a me trair com a vizinha e tal... Além do mais, dois anos de relacionamento tinham que ter significado alguma coisa. Antes de eu flagrá-lo se enroscando com a Samara, a vizinha balzaquiana de pernas longas e peitos gigantescos (e olha que não é despeito não, eu uso sutiã tamanho 44, então dá para ter uma ideia da enormidade da comissão de frente da Samara), eu chegava a me perguntar se daríamos o próximo passo em breve, talvez morar juntos por um tempo. Mas eu não conhecia o verdadeiro Igor. O fato de ele ter tido uma amante por mais de seis meses e eu nunca ter desconfiado de nada era prova disso.

— Ele é um grande idiota, simples assim — Sabrina resmungou ao telefone.

— É, é sim, e eu... — A porta dupla de vidro se abriu e bateu com uma pancada surda. — Ai, droga, o demônio nerd chegou. Preciso desligar! Tchau, Sá!

Meu chefe, também conhecido como demônio nerd, cão chupando manga e babaca sem noção — e isso tudo nos dias bons —, entrou na redação e lançou seu tradicional:

— Bom dia, Clara.

Eu cheguei a pensar que fosse explodir como uma lata de refrigerante quente sacudida ao vê-lo passar em frente à minha mesa.

Na recepção.

Eu era a porcaria da *secretária* da redação. Condenada a anotar recados havia cinco meses. Eu, jornalista por formação, era uma reles menina de recados.

Eu odiava a minha vida. Odiava ainda mais meu chefe idiota que nem sabia meu nome.

Dante *Eu-Sou-Foda* Montini, um homem totalmente desprovido de simpatia e de senso de moda, achava que o mundo devia obedecê-lo sem questionar. Ninguém jamais ousava contrariar uma de suas decisões — às vezes o Murilo contestava, mas enfim... —, nem quando ele estava errado. E, bem, o grande

Dante Montini nem sempre estava certo, como ficou evidente na última edição da *Fatos&Furos*, quando na reunião de pauta ele sugeriu, na tentativa — segundo ele — de tornar a revista mais *ousada*, que a Michele, a repórter responsável pela coluna de comportamento sexual, escrevesse um artigo sobre sexo sado na terceira idade. Ele só se deu conta de que a matéria não seria bem recebida depois que a ruiva tomou guarda-chuvas de uma vovó na portaria da revista.

Eu teria dito a ele que a ideia era ruim se tivesse tido a chance, mas, depois da embaraçosa entrevista de emprego, eu nunca mais lhe disse nada além de “bom dia, Dante”, ao que ele respondia “bom dia, Clara”. O que era totalmente compreensível. Eu era apenas a garota da recepção, afinal, e ele, o redator-chefe. Quem se importaria com o nome da telefonista? O fato de eu odiá-lo com todas as minhas células não poderia mudar, ainda que ele acertasse meu nome.

Dante era alto, ombros do tamanho certo, apesar de parecer um pouco magro demais sob as camisetas estranhas, e tinha um rosto forte e marcante. Se ele não fosse quem era — o chefe idiota que nunca acertava meu nome —, eu até o acharia bonito. Mas tinha os óculos. Eu odiava aqueles óculos! Eram grandes, pretos e fora de moda havia pelo menos uns dez anos. Isso sem mencionar que, para um redator-chefe renomado, ele parecia um indigente. Quando não estava vestindo uma camiseta com estampas esdrúxulas, esculhambava nas gravatas ridículas — a que tinha um teclado de computador estampado era a melhorzinha. O que nunca variava eram os jeans. Todos iguais, cortes tradicionais combinados com tênis de lona preto. Eu nunca tinha visto seus cabelos penteados desde que começara a trabalhar ali. Eles apontavam para todas as direções de um jeito estranho, como se ele acordasse e simplesmente os deixasse daquele jeito.

— Bom dia, Dante — respondi, para não quebrar o roteiro.

— Quero todo mundo na sala de reuniões em vinte minutos — anunciou ele, com o tom grave e autoritário de sempre.

— Certo, mas nem todo mundo chegou ain...

— Eu disse vinte minutos.

Se um meteoro atingisse a Terra, me peguei pensando, será que haveria alguma possibilidade de cair, digamos, bem na cabeça do meu chefe?

Vinte e cinco minutos e sete telefonemas histéricos depois, consegui acomodar toda a equipe da *Fatos&Furos* na sala de reuniões fria e impessoal, porém bem iluminada graças à imensa vidraça que ia de uma parede a outra. As paredes nuas e brancas contrastavam com as cadeiras negras, a longa mesa de madeira cor de mel dominava todo o espaço, e, no canto, um quadro branco se equilibrava sobre um tripé metálico, no qual se lia, em tinta azul, a pauta da semana.

A equipe de jornalistas encolhera recentemente. Naquela quarta-feira — e devo ressaltar que Dante havia mudado o roteiro, porque as reuniões sempre aconteciam às segundas e quintas-feiras —, o quadro de repórteres se resumia a Murilo Velasques, o queridinho do chefe; Adriele Pacheco, que conseguia flagrantes de celebridades com a mesma rapidez que conseguia processos judiciais; Júlia Lisboa, a garota por trás da coluna de cultura e estilo de vida; Michele Britto, que escrevia sobre sexo e tudo o que se relacionasse ao tema; Karen Pestana, que sempre descolava uns produtos de beleza bem bacanas com os anunciantes de sua coluna de moda e beleza; e Elton Reis, o designer gráfico caladão que passava o dia com a cara enfiada na tela do computador ou nos panfletos que Michele recebia de algum sex shop.

Eu estava organizando os copos de água mineral sobre a mesa quando Dante entrou, batendo a porta branca atrás de si.

— Muito bem, vamos resolver essa merda de uma vez.

Assustada, derrubei um dos copos ao som de seu rugido — ainda bem que estava lacrado. Infelizmente apenas o copo permanecia assim, mas lacrar a boca do Dante era um sonho que eu acalentava com carinho durante os últimos cinco meses.

Eu pretendia sumir dali rapidinho, como sempre, mas, quando me movi rumo à saída, dei de cara com o Dante. Ele me lançou um olhar frio por sobre os óculos, de modo que achei melhor ficar no fundo da sala, colada à parede.

Tá legal, eu não era a pessoa mais corajosa do mundo.

— Convoquei essa reunião de emergência para deixá-los a par das mudanças ocorridas de ontem para hoje. — E falou sobre a perda de dois grandes profissionais devido aos recursos financeiros escassos de que a revista dispunha.

Soraia, a menina do horóscopo, aceitara a proposta de um grande jornal de circulação nacional, e Cleber, o fotógrafo-faz-tudo, tinha debandado para a principal concorrente da *Fatos&Furos*, a revista *Na Mira*. E Dante estava furioso com isso.

— Eles receberam propostas que não pude cobrir — ele continuou, fitando cada rosto. Exceto o meu, claro. — Se alguém aqui está pensando em seguir os mesmos passos, que fale agora mesmo.

Ninguém abriu a boca.

— Sempre fui honesto com vocês e pretendo continuar assim. Estamos sem caixa. O número de assinaturas estagnou. As vendas nas bancas subiram apenas três por cento no último trimestre. Esta revista estava prestes a fechar as portas quando assumi o cargo de redator-chefe, e com muito esforço conseguimos ti-

rar a *Fatos&Furos* do buraco. Só que ainda *não chegamos* lá! Alguns anunciantes estão passando por dificuldades e não renovaram os contratos. Vamos ter que batalhar por novos patrocinadores. As próximas edições serão cruciais para nós. Não haverá novas contratações.

— Como assim? — Adriele perguntou, retorcendo com o indicador uma mecha do cabelo liso e castanho.

Os lábios de Dante se transformaram numa linha pálida.

— Pensei que tivesse sido claro, Adriele. A equipe se resume aos que estão nesta sala.

Por um momento, cheguei a pensar que ele estava me incluindo. Mas não. Ele nem sequer notava minha presença ali no fundo, de pé.

— De agora em diante — ele prosseguiu —, cada um de nós desempenhará mais que a própria função. Vamos nos adaptar e tentar sobreviver até que os investidores renovem os contratos e as vendas melhorem. Não vou mentir. Nosso rabo está na reta.

Murilo, o cara mais fera no que se relaciona a cenário político, resmungou:

— É só uma crise, vai passar.

— Sim, é o que todo mundo diz. A população está cortando gastos supérfluos, e isso inclui assinaturas de revistas. Com a internet trazendo notícias em tempo real, eu duvido que ainda tenhamos meios de comunicação impressos em trinta ou quarenta anos. — Seus olhos focavam cada rosto naquela sala enquanto ele falava. Menos o meu, claro. Não sei nem por que eu ainda me dava o trabalho de notar essas coisas. — Estou trabalhando para modernizar a *Fatos&Furos*, e em breve lançaremos a revista digital, mas, até que isso aconteça, temos um problema mais imediato a sanar do que a extinção de revistas e jornais. A extinção do nosso emprego.

Engraçado como ele sempre incluía a equipe toda nos problemas. Era sempre “nós” isso, “nós” aquilo, nunca “eu”.

Uma bagunça generalizada se instalou. Todos falavam juntos.

— Não posso fazer as entrevistas e as fotos ao mesmo tempo. — Murilo coçou a cabeleira loira.

— Já contratei um freelance, Murilo — explicou Dante. — É tudo o que podemos pagar no momento. Ele deve aparecer por aqui amanhã e vocês se acertam. Júlia, sua coluna tem recebido boas críticas. Tenho certeza que você pode melhorar ainda mais.

— Parece que o meu melhor nunca é o bastante — ela resmungou e soltou um suspiro.

— Exato! — confirmou Dante. — Agora um de vocês terá que assumir o horóscopo.

— Ah, cara, tô fora — Murilo avisou. — Não vou escrever aquela merda.

— Nem eu. De jeito nenhum. — Adrielle cruzou os braços.

Todos os repórteres começaram a se esquivar, alegando compromissos, falta de tempo, de conhecimento e blá-blá-blá, até que o Dante perdeu a calma.

— Fiquem quietos! Um de vocês vai assumir a porra do horóscopo!

— Por que você mesmo não faz isso? — Murilo sugeriu, com um sorriso sádico.

Ele era o único que se atrevia a enfrentar o Dante, pois era o bem mais precioso da revista e sabia disso. Murilo fazia o tipo quarentão bonito e paquerador e era o dono da banca de apostas da redação. Não que o Dante soubesse qualquer coisa a respeito das apostas. Murilo fora o grande trunfo contra a falência da revista. Dante insistira que precisávamos de uma coluna sobre política, que mulheres inteligentes acompanhavam os acontecimentos importantes do cenário político, e não apenas as novas tendências de moda da estação. Era esse o nosso diferencial em relação a outras revistas femininas. De fato, as vendas começaram a subir.

— Você também é jornalista, Dante. E dos bons! — Murilo acrescentou.

O olhar que Dante lhe lançou me fez encolher os ombros, mas Murilo permaneceu impassível.

— Alguém tem que acalmar os anunciantes que ainda temos, fazer com que não caiam fora, arranjar novos investidores. E isso me toma muito tempo, Murilo.

— A Luna é jornalista — falou Júlia, me fazendo ficar em posição de alerta no mesmo instante. — Recém-formada, mas é. Por que você não dá uma chance para a menina? Ela é esperta. — E a garota minúscula de cabelos ao estilo joãozinho e rosto de fada me lançou um sorriso meio torto. Eu adorava a Júlia. — Ela pode se sair bem.

— De quem você tá falando? Quem é Luna? — perguntou Dante, fitando-a como se ela tivesse falado japonês.

Tá legal, Deus, se você fizer com que aquele meteoro caia na cabeça do Dante neste minuto, eu prometo não comer chocolate durante... um mês. Inteirinho!

Eu esperei e, como Deus não fez a parte dele, usei a imaginação para atingir a cabeça despenteada do meu chefe com pedras de tamanhos variados.

— Cara, é a garota ali na parede te olhando com cara de assassina — Murilo sussurrou e riu ao mesmo tempo, apontando para mim com o indicador.

Dante se virou e me avaliou da cabeça aos pés, como se só então percebesse a minha existência.

— Não, essa é a Clara.

Maravilha! Duplamente humilhada na frente de todos.

— Humm... Não... — falei devagar. — Eu sou a Luna.

Sua testa vincou. Ele olhou ao redor em busca de confirmação. Quando Murilo assentiu, as bochechas do chefe assumiram um tom rosado.

Ele estava corando? Eu nem sabia que ele era capaz disso. De sentir vergonha, quero dizer.

— E por que você me deixou continuar te chamando pelo nome errado? — perguntou, irritado.

— Porque quero uma chance na revista. Se preferir, pode continuar me chamando de Clara, desde que me dê alguma coisa além de recados para escrever.

Sua testa se franziu de leve.

— Você sabe alguma coisa de horóscopo?

— Mais ou menos...

— É o suficiente. Você fica com o horóscopo. — E, se voltando para o Murilo, acrescentou: — Quero uma matéria de primeira linha até o fechamento da edição. Faça jus ao salário astronômico que te pagamos.

Murilo respondeu alguma coisa, mas eu já não ouvia mais nada.

Eu tinha uma coluna.

Eu tinha uma coluna!

Tá legal, não era lá grande coisa criar o horóscopo, mas era um começo. O fato de eu não saber, entender ou acreditar em nada referente a astrologia era totalmente irrelevante. Eu iria escrever e não seriam recados. Eu teria meus textos publicados!

Ai, meu Deus!

2

A reunião terminou sem que eu me desse conta. Só percebi que tinha acabado quando todos se levantaram, exceto Dante, que voltou a atenção para a papelada diante de si. Eu aproveitei para sair rapidinho dali, com medo de que ele mudasse de ideia a respeito da minha nova coluna e me aprisionasse ao telefone outra vez.

Feliz da vida com a minha promoção, esvaziei a mesa na entrada do oitavo andar e me dirigi para a antiga mesa da Soraia, no coração da revista. Por ali, encontrei uma infinidade de artigos místicos em uma das gavetas e dei uma espiada neles, tentando aprender e entender alguma coisa, mas isso só serviu para me desanimar. Aquilo parecia complicado demais. Eu teria que pedir a ajuda de alguém. Minha avó entendia dessas coisas, até tentou me ensinar vez ou outra, mas naquela época eu estava ocupada demais resolvendo palavras cruzadas.

Acabei me distraíndo desse pormenor no meio da tarde, quando Alexia Aremberg adentrou a redação. Os óculos escuros estavam no topo da cabeça, o rosto sério e compenetrado. Era como se ela ainda estivesse na passarela. Alexia era modelo, linda, riquíssima, e eu queria ser ela.

Ah, ela também era a mulher do Dante. A razão de um cara como ele conseguir uma top internacional me escapava.

Como de costume, Alexia não se importou em falar com ninguém, nem esperou ser anunciada para entrar no escritório do Dante. Estava acostumada a tratamento VIP, não seria diferente ali.

Pouco antes do fim do expediente — porque notícias não dão aviso-prévio —, a redação virou um pandemônio. Os telefones não paravam de tocar. Um roqueiro havia entrado em coma devido a uma diabete nunca antes divulgada, e a Adrielle quase teve um orgasmo de alegria. Murilo recebeu um telefonema antes de sair desarvorado porta afora, pois, segundo uma de suas fontes, o prefeito fora visto com a amante entrando em um hotel.

Soltei um suspiro observando-os tomarem seus rumos até as histórias fantásticas que ficariam na boca do povo por dias, enquanto eu permanecia ali, olhando para uma pilha cheia de números, rabiscos e desenhos de planetas.

Definitivamente eu odeio a minha vida.

Alexia por fim saiu do escritório do chefe. Dante a acompanhou até o elevador, e eu tentei não olhar quando os dois trocaram um beijo rápido. Não que qualquer tipo de contato físico mais íntimo fosse permitido na *Fatos&Furos*. Mas, ei, o cara era o chefe! Ele podia fazer o que bem entendesse.

— Algum problema, *Luna*? — ele perguntou depois que a mulher foi embora, enfatizando meu nome, se plantando em frente à minha mesa e observando a pilha de mapas astrológicos.

— Ah, não. Tudo bem, tudo... ótimo! Só estou me familiarizando com o material.

Ele assentiu, olhou discretamente para os lados e voltou a me encarar.

— Escuta... sobre o seu nome... — Ele colocou as mãos nos bolsos do jeans. — Eu... tinha certeza que seu nome era Clara.

— Não é — falei, encarando o Homer Simpson que corria atrás de uma rosquinha na sua gravata.

Ele inclinou a cabeça para o lado, os olhos atrás dos óculos horrorosos me fitavam com seriedade.

— Agora eu sei disso.

Aquilo era um pedido de desculpas? Não, claro que não. O Dante não se daria esse trabalho a menos que estivesse chapado de vodca ou de algum medicamento que mexesse com a sua sanidade. E eu tinha quase certeza de que ele não tinha feito uso de nenhuma das duas coisas.

— Está tendo dificuldades? — E apontou para o mapa astrológico.

Sim!

— Não! Esse material é... muito bom. Excelente mesmo!

— Que bom, porque preciso que você me entregue o horóscopo até quinta.

— Mas isso é amanhã!

— Bem-vinda à *Fatos&Furos* — e me deu uma piscadela, sorrindo meio torto. O que me pegou completamente de surpresa, pois eu não sabia que o Dante era capaz de sorrir, ainda que fosse apenas uma insinuação de sorriso. Se bem que, pensando melhor, ele havia sorrido uma ou duas vezes quando me entrevistou para a vaga de secretária.

Em seguida, ele se trancou em sua sala e eu gemi, apoiando os cotovelos na mesa e afundando a cabeça nas mãos. Eu tinha um prazo a cumprir e nenhuma ideia de como executar a tarefa. Em outras palavras: eu estava totalmente ferrada.

Recorri ao oráculo dos oráculos em busca de ajuda e, numa rápida pesquisa no Google, encontrei diversos artigos sobre numerologia, astrologia, mas nada sobre leitura de signos. Acabei me deparando com um link e descobri uma loja que vendia tudo para magia, de A a Z — seja lá o que isso significasse —, e ficava a apenas três quadras da revista. Anotei o endereço e desliguei o computador às pressas. Dante fechou seu escritório ao mesmo tempo em que puxei minha bolsa no encosto da cadeira. Só restávamos nós dois na redação.

— Está de saída? — ele quis saber.

— Sim, a menos que você tenha algum trabalho pra mim — tentei a sorte.

— Você já tem um trabalho.

Estou falando de um de verdade!, eu quis acrescentar, mas achei que não era o momento de exigir outra promoção. Ainda.

Caminhamos lado a lado até o elevador. Ele afrouxou a gravata, um suspiro lhe escapou dos lábios. Ousei espiar meu chefe pelo canto do olho. Ele parecia... não tão Dante.

— Tá... tudo bem? — me atrevi a perguntar.

— Eu estou esfolando a minha equipe — ele disse, conforme as portas se abriam e entrávamos no elevador. — Estou sobrecarregando o pessoal com tarefas que não cabem a eles, perdi dois bons funcionários esta semana, a verba deste mês é menor que as despesas, um idiota acabou com a frente do carro da minha namorada. Ah, e a namorada em questão não está feliz comigo porque não vou poder acompanhá-la ao fashion sabe-se lá o quê. Está tudo ótimo, como você pode ver — ele forçou um sorriso, irônico.

Dois sorrisos no mesmo dia, eu devia estar com muita sorte.

Surpresa ao constatar que, no fundo, bem escondido, havia um ser humano dentro daquele redator-chefe pragmático, me peguei dizendo:

— Eu gostei da minha nova função. Eu odiava aquele telefone.

— Que bom, fico feliz. — Ele se recostou na parede metálica. — Eu tinha uma vida tão tranquila quando era repórter. Sabe, Luna, em dias como hoje eu me pergunto se isso tudo vale mesmo a pena. E a conclusão a que chego é que não, não vale.

Bom, eu ainda não gostava dele, mas saber que Dante estava passando por um período ruim fez minha aversão por ele diminuir. De qualquer maneira, eu ainda odiava o meu chefe.

— Olha — eu disse —, não tenho muita experiência, mas de uma coisa eu sei. Você não foi contratado para salvar a *Fatos&Furos* à toa. E, quando você assumiu a chefia daquele jornalzinho de bairro e o transformou em um dos maiores da cidade, deve ter se sentido bem.

Ele apenas deu de ombros.

— Você chegou ao topo, Dante — prossegui. — Muita gente ainda luta para escalar o primeiro degrau. Você não devia ficar se lamentando, por mais difícil que o dia tenha sido.

Ele me encarou com algo diferente nos olhos. Parecia diversão. Ou podia ser constipação intestinal, era difícil interpretar o meu chefe.

Então ele desviou o olhar para as portas que se abriam. Caminhamos pelo saguão revestido de mármore escuro, e eu já ia seguindo meu caminho para o estacionamento quando ele me deteve, dizendo:

— Eu gostei do seu entusiasmo. — E sorrii.

Sorriu mesmo, para valer dessa vez. Um sorriso preguiçoso, cheio de dentes, que atingiu seus olhos e fez seus traços graves se suavizarem, deixando-o muito mais jovem. Não que ele fosse velho. Devia ter trinta e poucos ou algo assim.

— Bom... até amanhã, *Luna*. — Ele passou a alça da mochila pelo ombro.

— Tchau, Dante.

Entrei no carro parado no estacionamento e dei uma olhada no espelho retrovisor. Meus cabelos ameaçavam fugir do controle e o volume fazia meus olhos verdes parecerem maiores. Meu rosto estava corado, então retoquei o batom para diminuir o contraste.

Segui direto para a loja esotérica e, apesar de não ser longe, demorei mais de uma hora por culpa do engarrafamento do fim de tarde.

Uma enorme lua brilhante chamava atenção no letreiro da loja, e a fachada tinha tantas cores que era difícil entender os muitos símbolos desenhados ali. Assim que empurrei a porta para entrar, sinos de vento anunciaram minha presença, e o aroma agudo de incenso acabou me deixando meio zozna.

Entre as prateleiras abarrotadas de coisas coloridas e perfumadas, havia uma mulher baixinha, com pouco mais de um metro e meio, os cabelos longos mesclados de branco e preto e muitas pulseiras nos pulsos finos. E era meio vesga.

— Olá, raio de sol! — ela sorriu.

— Oi. Eu preciso de alguma coisa pra criar horóscopo. Se tiver algum programa de computador que faça isso, melhor.

Ela meneou a cabeça.

— Meu bem, a magia é algo precioso, e apenas as mãos e o coração podem manejá-la.

— Tá legal... — falei devagar. — Você tem o quê, então?

— Deixe-me ver... — Ela puxou duas caixas de uma prateleira e começou a revirá-las. — Não. Não. Esse também não. Ah! O que acha disso aqui?

Dei uma olhada no mapa astrológico e sacudi a cabeça.

— Tem cinco iguais a esse na minha mesa. Preciso de alguma coisa mais... autossuficiente. — A mulher arqueou a sobrancelha, então tive que explicar. — Olha só, minha vida toda tá errada. Meu namorado me traiu, meu emprego é uma droga e meu carro vive me deixando na mão. E agora tenho a chance de fazer algo que eu gosto... bom, não exatamente, mas a ideia é que seja temporário. Preciso fazer essa coisa de horóscopo bem feita, se quiser me destacar, entendeu? Preciso que pelo menos isso dê certo!

Eu me interrompi para tomar fôlego. Por que raios eu estava despejando toda a minha vida sobre aquela mulher? Só podia ser por causa da pressão de um prazo apertado a cumprir.

— Pelo que eu entendi — ela ficou séria —, você acha que é capaz de lidar com a magia. — Ela fez um gesto amplo, como se dançasse balé.

Achei que seria mais fácil e muito mais rápido se eu entrasse na dela. Não a contrariei.

— Não foi por acaso que essa coluna caiu no meu colo — sussurrei.

— Ah, sim! Nada é por acaso — ela sorriu, radiante. — Os astros nos guiam sempre. Basta saber interpretá-los.

— É justamente disso que eu preciso! Algo que interprete os astros. Você tem?

— O que você precisa está ali nos fundos. Volto já.

Comecei a perambular ansiosa pela pequena loja entulhada de cacarecos. Budas, elefantes, gnomos e imagens de santos se misturavam de forma caótica nas prateleiras. Alguns minutos depois, a mulher estava de volta com uma pequena caixa, pouco maior que um celular.

— Isso deve ajudar. — Ela abriu lentamente a tampa.

— Um baralho cigano — murmurei e soltei um gemido agastado. Por mais que eu tentasse ignorar, algo cigano sempre se colocava no meu caminho. Devia ser alguma mandinga da vovó para me fazer "ver a luz".

— O baralho cigano — frisou a mulher vesga. — Reza a lenda que foi da cigana Madalena, duzentos anos atrás.

Ao ver o estado das cartas, acreditei que fosse bem possível mesmo.

— A cigana Madalena — prosseguiu ela —, e não confunda com Sandra Rosa Madalena, foi uma das mais importantes de seu clã. Dizem que quem se consultava com ela resolvia imediatamente todos os problemas. Ela era a guia de sua caravana e jamais errou uma única leitura em toda a vida. Graças a seu baralho poderoso. — E ergueu a caixinha.

— Legal! Mas eu não vou ler a sorte — expliquei pacientemente. — Só quero algo que me ajude a fazer um horóscopo.

— Pois então! Você pode criar um usando o baralho. Em vez de consultar os astros, consulte as cartas.

— E funciona?

— É claro! Há muitas maneiras de prever o futuro.

Ah, sim, mas é claro. Como se isso fosse possível. Nem a previsão do tempo dava certo, imagine saber o que ainda nem aconteceu. Concordo que, tendo em vista a minha árvore genealógica, eu deveria ser mais crente e tudo o mais, mas simplesmente não conseguia acreditar que alguém fosse capaz de adivinhar o futuro olhando para um baralho.

Embora eu tenha que admitir que a vó Cecília acertava às vezes.

Quase sempre.

Tudo bem, ela nunca tinha errado comigo, mas isso não provava nada.

— Isso é o melhor que você tem? — perguntei, desanimada.

— Não faça essa cara, meu bem. Você tem algo muito poderoso nas mãos. Com esse baralho, você poderá manipular o destino. Imagine as possibilidades!

Suspirei. Eu não fazia ideia de como usar um baralho cigano, mas parecia mais fácil que os mapas astrais. Além disso, eu tinha certa experiência com cartas. Era muito boa no pôquer, e talvez isso servisse para alguma coisa.

Ou eu poderia parar de inventar histórias e pedir ajuda a quem realmente entendia do assunto.

— Tudo bem, eu fico com ele. Quanto custa? — Peguei a carteira.

— Cem reais.

— Por esse baralho sujo e velho? De jeito nenhum.

— Oitenta e cinco.

— Por oitenta e cinco consigo comprar uma cigana inteira, não apenas o baralho. — Fiz menção de colocar a carteira de volta na bolsa.

— Cinquenta. Fechamos por cinquenta! — Ela ergueu as mãos na altura dos ombros, se rendendo.

— É mais razoável. — Eu lhe entreguei o dinheiro.

Inesperadamente, a mulher minúscula, com suas roupas coloridas e esvoaçantes, agarrou minha mão, fechando os olhos e inspirando fundo. Quando voltou a abri-los, ela sorriu.

— Sua magia é forte. Use-a com sabedoria e nunca em benefício próprio. As cartas não permitem — alertou com a voz baixa e séria. Seus olhos não se fixavam em nada por mais de dois segundos, como se ela não estivesse ali.

Eu quase dei risada. Magia em mim? Que ridículo! Nunca houve nada mágico em mim. Nem com os homens. Como eu não queria ser mal-educada com a única pessoa que se dispôs a me ajudar naquele momento, respondi:

— Claro, claro. Vou tomar cuidado.

— Que assim seja — ela assentiu e, num piscar de olhos, voltou a seu estado esfuziante, de modo que, depois de ela me entregar o baralho, me mandei dali rapidinho. Quando alcancei a calçada, enchi os pulmões, sentindo certo alívio por me afastar do cheiro adocicado e enjoativo dos incensos.

Peguei o carro e dirigi para a periferia da cidade, seguindo em frente até chegar à zona rural, para tomar uma pequena estrada de terra batida e pular feito pipoca no interior do meu Twingo. Parei a poucos metros da casa amarela. A tenda de tecidos ali perto contrastava com a habitação grande e moderna de dois andares, mas eu já tinha me acostumado. Fora ali que meu irmão e eu vivemos por quase cinco anos.

A figura esguia e colorida surgiu no horizonte. A longa saia laranja dançava com a brisa, os cabelos negros e compridos escondidos sob o lenço roxo. Suas pulseiras douradas capturavam e refletiam os últimos raios de sol. A cesta de palha que trazia numa das mãos estava cheia de ervas.

A velha cigana olhou para mim, e seus olhos cansados e cheios de rugas sorriram.

Sorri de volta, acenando.

— Oi, vó.

3

— Segui vó Cecília para dentro do sobrado amarelo, depois de beijar sua mão e pedir sua bênção. Minha *mamá* adorava cores vibrantes. E flores. E espelhos. Na verdade, ela adorava tudo que brilhava. Por isso a casa toda parecia feita de purpurina, e era quase impossível encontrar um espaço onde não houvesse um enfeite.

— Como está seu pai? — ela me perguntou indo para a cozinha.

Eu quase ri. A vovó gostava tanto do meu pai quanto eu do Dante. A questão era que a minha mãe não deveria ter se apaixonado pelo meu pai. Para vovó, a mamãe deveria ter se casado com alguém do clã ao qual pertencia, não com um *gadje*, um não cigano. O fato de a minha mãe ter morrido durante o meu parto não contribuiu muito para a vovó e o papai se entenderem. E meu irmão e eu termos crescido fora da cultura cigana também não ajudou em nada.

Raul era meu irmão mais velho — ao menos cronologicamente, porque mentalmente eu ainda tinha minhas dúvidas. Ele e eu vivemos com o nosso pai até os meus quinze anos. Então papai decidiu retomar sua pesquisa sobre pombos na Patagônia, e nós ficamos com a vovó.

Raul e eu sempre tivemos nossas diferenças. Meu irmão ainda me tratava como a irmãzinha caçula nos momentos mais impróprios. Seu esporte preferido era me causar problemas, como quando soube que o Igor me traía com a Samara. Ele ficara furioso e tive que implorar que não batesse no Igor. Meu irmão acabou cedendo. Mas ele não mencionara nada sobre não detonar o carro do meu ex. Depois disso, comecei a prestar mais atenção no que o Raul me prometia.

— Papai estava bem da última vez que me ligou. Ele gostou do presente que a senhora mandou no Natal — menti.

Papai, que vivia na Argentina havia quase dez anos, ficou chocado ao abrir a caixa de presente e encontrar uma das poções da cigana Safira — era esse um

dos nomes da minha avó. Todo cigano recebia três nomes ao nascer. Um secreto, sussurrado no ouvido pela mãe logo depois do nascimento, outro conhecido apenas pelos ciganos do clã e outro para o resto do mundo. Raul recebera os três, embora nem ele nem ninguém soubesse que nome a mamãe tinha escolhido para ser o secreto. Tarim seria seu nome para o resto do mundo, mas ele só usava Raul, o que deixava a vovó muito irritada. Minha mãe não teve tempo de escolher os meus três nomes. O papai só sabia que ela queria que eu me chamasse Luna. E, mais uma vez, as coisas entre ele e a vó Cecília esquentaram. Ele não permitiu que minha avó me desse mais nomes. Meu pai se ressentia do fato de minha mãe ter sido expulsa do clã por ter se apaixonado por ele e fez tudo o que pôde para nos manter afastados da cultura cigana.

Mas vovó Cecília não desistiu, e, quando ele precisou retomar suas pesquisas, os dois acabaram se entendendo, ou se entendendo o suficiente. Minha avó não perdia a oportunidade de alfinetar meu pai, como fez com a garrafa que enviara a ele no Natal. Lia-se no rótulo: “Garrafada para curar impotência”.

“O que aquela bruxa velha quis dizer com isso?”, ele dissera, revoltado, encarando a garrafa, a mim e, por fim, sua mulher.

Dois anos mais jovem que eu.

Prefiro não falar sobre isso agora.

— Ele me pediu pra agradecer — retomei o assunto.

Ela sorriu com malícia, colocando a cesta de ervas sobre a mesa coberta por uma toalha amarelo-gema.

— Tenho certeza que sim. Está com fome, filha?

— Não, obrigada.

Ela assentiu.

— Então vou preparar um lanchinho rápido pra você.

Eu revirei os olhos. Minha avó sofria de surdez seletiva. Sobre tudo quando tinha a ver com comida. Ninguém deixava sua casa sem antes ser empanturrado.

— Eu não estou mesmo com fome agora, vó. Escuta, eu...

— Claro que está. Você acabou de sair do trabalho, não é mesmo?

— Sim, mas eu comi uma barra de chocolate e...

— Chocolate não é comida. Você não devia ter cortado o cabelo — ela murmurou de costas para mim, colocando água na chaleira. — Estava bonito longo.

— É mais prático assim. E ainda tá comprido! — Toquei as pontas que me caíam pouco acima do busto.

— Não, não está. Como se não bastasse usar calças e exibir as pernas naquelas roupas indecentes, você ainda tinha que cortar o cabelo? — Ela sacudiu a cabeça.

— Ah, não, vó. De novo, não.

— Eu sabia que aquele homem ia destruir a vida da sua mãe. Eu vi nas cartas.

— Meu pai não destruiu nada — objetei. — Ele amou a mamãe. Depois que ela morreu, ele ficou sozinho por muitos anos, e a senhora sabe disso. Mas, já que mencionou as cartas, eu queria sua ajuda para aprender a ler a sorte.

Ela girou sobre os calcanhares e congelou, as pálpebras piscando eram a única coisa em movimento. A chaleira apitou.

— Finalmente, filha! Cheguei a pensar que a sabedoria se perderia! — E veio ao meu encontro, me abraçando com força. Eu adorava o cheiro da minha avó. Uma mistura de jasmim, lavanda e sal.

— Então podemos começar? — eu quis logo saber. — Preciso aprender tudo até... amanhã.

Um silêncio pesado se instaurou. Vovó me soltou, recuando. A longa saia rodada chiou no assoalho.

— Amanhã — repetiu ela, austera.

Fiz uma careta.

— É, mas eu explico. Eu consegui uma coluna no trabalho, só que é a do horóscopo. Eu não quis perder a chance, vó. A senhora sabe que eu sonho em escrever um artigo há tempos. Esse é meu primeiro passo nessa direção. Não precisa me ensinar *tudo* até amanhã. Só o basiquinho serve. Por favor, vó, me ajuda.

Ela ficou apenas me observando, como se eu fosse um inseto que acabara de pousar em seu pão fresco.

— Sinto muito, Luna, mas eu não posso ajudá-la. — Sua voz soou tão fria quanto sua expressão.

— Por que não? A senhora estava disposta a me ajudar até trinta segundos atrás.

— Trinta segundos antes, eu estava achando que você tinha a intenção de levar a vida cigana a sério. A magia não pode ser ensinada dessa forma. Os costumes e as crenças são sagrados, não os trate com leviandade.

— Mas eu preciso criar o horóscopo até amanhã! E não entendo porcaria nenhuma de astrologia, a senhora sabe disso. Eu fui a uma loja esotérica e comprei um baralho bem velho. Então pensei que a senhora poderia me ensinar a usá-lo. Já te vi fazendo isso e... bom, como a senhora sempre quis me ensinar as coisas ciganas, achei que gostaria de me ajudar. A gente se divertiu tanto quando me ensinou a dançar...

Ela sacudiu a cabeça, e as correntes presas aos cabelos tilintaram.

— Ler cartas não é como dançar. E coisas ciganas, Luna? *Coisas?* — ela perguntou, ofendida.

— Ai, vó, é só jeito de falar! — eu resmunguei, batendo o pé. — A senhora sabe o que eu quis dizer.

— Sinto muito. Muito mais do que você pode imaginar. — E, pelo tom de sua voz, eu soube que ela estava colocando um ponto-final no assunto.

— Eu também — me levantei, pendurando a bolsa no ombro. — Porque, se a senhora não me ajudar, tudo o que vai me restar é o Google, e ele não sabe tanto assim.

— Quem?

— *Mamí*, a senhora por acaso não tem um pouco de... Ei, Luna!

— Oi, tio Vlad. — O homem alto e magricela, de cabelos pretos presos em um rabo de cavalo, não era meu tio de verdade. Os ciganos se tratam como uma grande família, ainda que não tenham o mesmo sangue.

E eu gostava do tio Vlad. Exceto quando ele cismava de querer me arranjar um noivo. O que ocorria mais ou menos a cada duas semanas.

— Meu Deus, como você está bonita! — Ele me apertou contra o peito osado. — E como está parecida com a sua mãe!

— Sim, em muitos aspectos — acrescentou a vovó, com desgosto.

— Você vai ficar aqui esta noite? — tio Vlad perguntou. — Pode nos ajudar com os preparativos do casamento de sua prima Sara.

— Ah, eu adoraria, tio, mas não posso. Ainda tenho que trabalhar. — Eu me afastei dele e dei uma espiada na minha avó. — Bom... vou indo então.

Beije a bochecha do tio Vlad e em seguida as mãos da minha avó.

— Sua bênção, vovó.

— Que Deus a abençoe — ela fez uma cruz com o polegar na minha testa.

Saí da cozinha às pressas, mas ainda pude ouvi-la perguntar:

— Vladimir, você sabe quem é esse tal cigano Google?



Ao chegar em casa, subi correndo as escadas até o último andar. Meu prédio era antigo, apenas três andares, sem elevador e com largas escadarias. Sabrina achava o lugar charmoso, exceto quando voltávamos do mercado com os braços repletos de sacolas pesadas.

Minha amiga estava me esperando com um imenso pote de sorvete de chocolate e o DVD de *Kill Bill* sobre a mesa da sala, pronta para me animar no que fosse preciso. Mas ela percebeu que o caso não era tão grave assim quando viu meu rosto tenso, porém extasiado.

— Consegui uma coluna! — gritei, jogando a bolsa no nosso sofá de segunda mão. A maioria dos nossos móveis tinha sido comprada em lojas de usados.

Nosso apartamento não era luxuoso, mas era confortável e bem decorado, graças a Sabrina. O prédio devia ter uns trinta anos, por isso os cômodos eram amplos e com o pé-direito alto. O sofá estampado em tons de branco, vermelho e preto trazia um ar moderno às peças antigas, como a cristaleira que fizemos de estante de livros. Apenas a cozinha não era tão espaçosa, mas não passávamos muito tempo ali, de todo jeito.

— Aaaaah! — Sabrina pulou do sofá e me abraçou. — Eu sabia! Eu sabia! Eu sabia! — cantarolou. — Sabia que mais dia menos dia isso ia acontecer.

— Não é lá grande coisa — falei e soprei a mecha de cabelo loiro da Sabrina que entrou na minha boca, me livrando em seguida de seu abraço de urso. — Agora sou responsável pelo horóscopo. A revista tá cortando despesas, e eu vou tapar buraco. Mas isso me tira da terrível mesa do telefone e me coloca *literalmente* dentro da redação. Ah, e agora meu chefe sabe meu nome!

— Você disse a ele? — ela arregalou os imensos olhos azuis.

Sabrina era tão bonita que às vezes eu a via como uma Barbie gigante. Não que ela fosse tão alta, mas, comparados aos meus 1,67 metro, seus dez centímetros a mais me faziam parecer baixinha.

— Não exatamente — sorri. — Mas agora ele sabe... Dá só uma olhada nisso! — Peguei a bolsa e mostrei o baralho a ela.

— Nossa, que coisa velha! Você nunca me disse que sabia ler tarô — ela pegou o baralho, abrindo as cartas em leque.

— E não sei. Mas também não sabia da existência de um perfume chamado Vulva, e com o aroma dessa parte, até ler aquele artigo da Michele, então... — dei de ombros. — Eu preciso entregar o texto até amanhã às dez da manhã! Eu tenho um deadline! Eu sempre quis ter um, mas agora tô morrendo de medo de não conseguir cumprir o prazo.

— E agora? — ela perguntou, compadecida.

— Agora eu faço o que tenho que fazer, ou posso dar adeus à coluna nova.

— Ai, Luna, não quero te desanimar, mas parece meio complexo, para não dizer sério, criar horóscopos. O que será que esse barco significa? — ela inclinou a cabeça, tentando, assim como eu, entender alguma coisa naquele monte de desenhos e símbolos gravados nas cartas.

— Não faço a menor ideia, mas não pode ser tão difícil assim.



Duas horas depois, eu estava deitada na cama sem ter escrito nem uma linha sequer. Tentei deixar o lado cigano, que a vovó vivia dizendo que eu tinha, inter-

pretar os significados das cartas, mas foi inútil, e, quando dei por mim, estava rabiscando triângulos de vários tamanhos no bloco de notas à minha frente.

— Nada ainda? — Sabrina perguntou pela décima sexta vez, entrando no quarto e colocando uma caneca de café com leite fumegante na minha mesa de cabeceira branca.

— Obrigada — respondi, pegando a xícara. — É mais complicado do que eu pensava.

— Eu logo desconfie. — Ela se sentou na beirada da cama.

— Sá... — Eu mantive os olhos na caneca com uma carinha feliz amarela estampada. — Eu estava aqui pensando se... Você acha que o Igor teve outras mulheres o tempo todo, ou a Samara foi um caso isolado?

— Você quer mesmo que eu responda?

Boa pergunta.

— Acho que... quero.

Ela tomou fôlego, seu olhar ficou triste.

— Sim, eu acho que ele teve vários casos. Eu sinto muito, Luna — ela soltou o ar com força e acariciou minha canela. — Mas vamos olhar pelo lado bom! Você se livrou dele antes que as coisas fossem além. Já imaginou se aquele traste tivesse te pedido em casamento?

— É mais fácil tentar imaginar um rinoceronte num tutu cor-de-rosa dançando balé do que o Igor me pedindo em casamento. Eu nunca teria aceitado. No fundo, eu sempre soube que ele não era o meu cara. Mas devia ter percebido a falta de comprometimento dele.

— É por isso que você não está conseguindo criar nada! — Ela deu um tapinha na minha perna e ficou de pé. — Você precisa esquecer esse infeliz. E sabe como? Com uma boa noite de sexo casual. Vamos sair, encher sua cara de álcool e descolar um homem muito lindo pra te deixar fora de órbita. Além de elevar sua autoestima.

Acabei rindo.

— Você sabe muito bem que eu não faço sexo casual. E, mesmo que fizesse, tenho que escrever o artigo, não posso sair.

— Tudo tem uma primeira vez, Luna — ela piscou um dos olhos. — Mas tudo bem, a gente faz isso no fim de semana. Vou para o meu quarto pra não te atrapalhar. Se precisar de alguma coisa, é só chamar.

— Valeu, Sá.

Ela sorriu e apertou meu ombro, me encorajando.

— Você vai conseguir. Sei que vai!

Tomei mais um gole da bebida e voltei a olhar as cartas. Eu tinha que fazer aquilo, mesmo que fosse para escrever idiotices nas quais ninguém acreditaria.

Vai demorar muito para eu me tornar uma jornalista de verdade?, me peguei pensando. Por quanto tempo o Dante me deixaria no horóscopo?

A menos que eu entregasse a coluna na manhã seguinte, podia jurar que não seria pouco, não.

Endireitei-me no colchão, afastando a colcha roxa com os pés. Determinada a transformar meu sonho em realidade, avancei sobre o notebook, abrindo a página do Google. Encontrei alguns textos sobre o assunto, só que eram longos demais e já passava da meia-noite. Eu não tinha tempo para aprender tudo aquilo... Mas era bastante criativa. Decidi então fazer uma leitura dinâmica, absorvendo apenas o essencial.

Abri o baralho e observei as cartas, tentando conectar umas às outras. Era como tentar decifrar um enigma. Comecei a digitar, indo de signo em signo, até que em algum momento da madrugada terminei. Acabei apagando ali mesmo, de atravessado na cama, os tornozelos suspensos, a cara pressionando as teclas do computador.

4

Eu me remexia na cadeira enquanto esperava o Dante chegar à revista. Eu estava insegura, era o meu primeiro texto, e eu não estava certa se seria capaz de aguentar ouvir o chefe dizer o que achara dele na frente dos jornalistas de verdade. Por isso decidi mostrar meu trabalho em sua sala. Então imprimi o que eu esperava ser o horóscopo da semana e rezei para que Dante o aprovasse e não me demitisse.

Assim que entrou, ele saudou o pessoal com seu jeito meio seco de sempre e se enfiou na sua sala.

Respirei fundo, atravessei o emaranhado de mesas e bati à porta, embora ele pudesse me ver perfeitamente através da janela de vidro que ocupava meia parede.

— Entra — ele ordenou, e eu obedeci um tanto receosa. — Bom dia, Clar... Luna.

Eu não pisava naquela sala desde a entrevista de emprego. Tudo ali me intimidava, das paredes brancas com lambris de madeira escura às prateleiras repletas de aviões de brinquedo.

— Bom dia. Terminei o texto para a coluna. — E estiquei o papel para ele.

Uma sobrancelha se arqueou por trás dos óculos apavorantes enquanto ele me examinava com certo divertimento.

— Você acabou com a graça. Eu estava pronto para te pressionar — ele revelou, pegando o artigo. — Te achei um pouco perdida ontem.

— Eu estava mesmo. Mas acabei me encontrando.

— Que bom. — E começou a ler em voz alta. — “Áries. Suas emoções podem estar um pouco confusas no momento, mas não esquite com isso. O cigano apareceu para você. Relaxe e use camisi...” o quê?! — ele engasgou. — Isso aqui é a sua leitura astrológica?

— Na verdade, é a minha leitura das *cartas ciganas* sobre cada signo. — Tentei parecer segura na minha argumentação. Mas era praticamente uma batalha perdida.

— Tudo bem. — Ele correu a mão pelos cabelos já bagunçados, fitando o papel. — Você pode... Como... humm... Relaxe e use camisinha? — Ele coçou a nuca, visivelmente surpreso.

Mordi o lábio, sem saber como explicar. Então respirei fundo e deixei as coisas saírem.

— Ontem na reunião você disse que precisávamos vender mais.

— Sim, eu disse.

— Dei uma olhada na internet, nos horóscopos das outras revistas, e reparei que são todos muito iguais. Pensei em fazer algo diferente.

— Estou vendo. *Relaxe e use camisinha...* — Ele estudou meu texto por um tempo, antes de erguer a cabeça para me encarar com uma expressão espantada. — Como você chegou a essa conclusão? Apenas por curiosidade.

— Humm... bom... — Eu juntei as mãos e comecei a retorcê-las. — Há todo um estudo sobre o assunto, mas, resumindo, tirei as cartas e apareceu a do cigano, que significa sexo. Quer dizer, é um homem, o que mais pode significar além de sexo?

Ele pensou por um instante antes de responder:

— Boa observação. — Ele leu mais um pouco até finalmente baixar o papel. — Não era bem o que eu tinha em mente, mas serve. Ninguém dá a mínima para essa porcaria mesmo.

Se, em algum momento recente, eu havia tido certa empatia pelo Dante, ela tinha acabado de morrer.

— Eu vareei a noite criando essa *porcaria* — falei, ofendida.

Ele se endireitou, assumindo uma postura grave e um tanto constrangida.

— Ah... Não foi bem o que eu quis dizer, Luna. Eu... estou preocupado com um monte de coisas e... — ele sacudiu a cabeça, soltando o ar com força. — O que eu quis dizer é que não é a sua coluna... muito original, aliás, você fez um bom trabalho... Mas não será ela que fará a revista desaparecer das bancas. Pode enviar o arquivo para o meu e-mail. Você fez um... — pigarreou, me olhando de relance — bom trabalho.

Assenti, embora tivesse certeza de que ele não estava sendo sincero, e saí da sala, pois, se permanecesse mais um segundo ao lado dele, acabaria perdendo a cabeça. E o emprego.

Voltei para a minha mesa furiosa, querendo desesperadamente quebrar alguma coisa — de preferência os óculos e, com um pouco de sorte, o nariz do meu chefe — quando o mundo de repente desacelerou.

Ele entrou gíngando na redação, como se fosse o dono do pedaço. Alto, dreads longos pendendo pelas costas, a pele cor de cappuccino perfeita sobre as salientes maçãs do rosto quadrado, tudo isso acompanhado de um corpo esguio com músculos proeminentes nos lugares certos.

E caminhava em minha direção.

Fiz um tremendo esforço para desgrudar os olhos daquele deus, mas foi impossível. Então decidi sorrir e tentar agir normalmente.

— Tô procurando o Dante Montini — ele disse numa voz que era puro mel e veludo. — Sou fotógrafo. Ele me ligou ontem. — E exibiu um sorriso mole, cheio de malícia e promessas perturbadoras. — Você sabe onde ele está?

— Sei. — E ri como uma adolescente estúpida.

Tá legal, eu sempre fui um zero à esquerda no quesito sedução. Nunca consegui fazer aquelas caras e bocas, muito menos embarcar em joguinhos e flertes. Eu daria tudo para ser como a Sabrina naquele instante. Ou a Michele.

O rapaz esperou por alguns momentos, até que desistiu.

— Então... você sabe onde ele está?

Pisquei, sacudindo a cabeça. *O Dante. Ele quer ver o Dante. Abre essa boca e diz onde seu chefe está. Agora!*

— E-ele está na sala dele. É ali. — E apontei para a porta com a placa "Redator-chefe".

— Obrigado, gata — ele sorriu e piscou. — Eu me amarrei no seu cabelo. Adoro morenas.

Foi aí que perdi o contato com a realidade que me cercava e me deixei ser levada pelas águas do faz de conta. E meu celular tocou bem no instante em que aquele deus de ébano me beijava sob uma chuva de fogos de artifício.

— E aí, deu certo? Seu chefe gostou da coluna? — Sabrina soltou, num fôlego só.

— Sá, acabei de conhecer o cara mais lindo do planeta. Acho que é o tal fotógrafo freelance que o Dante mencionou ontem na reunião. Ai, tomara que seja!

— Até que enfim! Já tava na hora de você voltar a se interessar pelo sexo oposto. Esse luto pelo Igor já estava dando nos nervos. E então, esse cara é bonito mesmo?

— Pensa no Lenny Kravitz, só que ainda mais gato, mais gostoso e mais novo...

— Uau!

— Eu sei! — Eu me larguei na cadeira. — Minhas pernas estão bambas.

— Sabe se ele é solteiro?

— Não, mas ele me chamou de gata, disse que meu cabelo é lindo e que adora morenas. Tudo bem que usou o plural, mas quem liga pra isso agora?

— Olha aí a sua oportunidade de sexo casual! Se eu fosse morena, até tentaria a sorte — ela suspirou ao telefone.

— Você sabe que eu não faço essa coisa *casual*.

— E eu já disse que tudo tem uma primeira vez. Mas e aí? Como foi com o mala do seu chefe?

Soltei um longo gemido.

— Ele ridicularizou a coluna e disse que não era exatamente o que ele esperava. Depois elogiou minha escrita.

— Afff. Babaca! Mas elogiar seu texto já é alguma coisa.

— Acho que sim.

— Você nasceu para brilhar, Luna. Só esse seu chefe de baixo intelecto não percebeu ainda.

Desligamos logo em seguida, e eu não consegui tirar os olhos da porta pela qual o fotógrafo acabara de passar. Eu e o restante da população feminina da redação, devo acrescentar. Adriele preferiu pintar os lábios de carmim ali mesmo em vez de ir até o banheiro, enquanto a Michele escovava apressada os cabelos vermelhos. Dei uma conferida na maquiagem e nos meus cachos, que — obrigada, Deus! — estavam em um bom dia. Decidi abrir mais um botão da minha camisa branca simples e tentei parecer sexy. Então lembrei que tinha acabado de ser promovida a jornalista — bom, não exatamente, mas deixa pra lá — e não queria parecer uma periguete. Voltei a fechá-lo.

Meia hora depois, o Dante saiu com o rapaz na sua cola, procurando pelo Murilo. Tentei parecer ocupada, voltando a atenção para o computador, mas mantendo os dois no meu radar pelo canto do olho.

— O Murilo ainda não voltou da rua? — Dante me perguntou.

Ergui os olhos e sorri para eles. O rapaz retribuiu. O Dante não. Que novidade.

— Não sei — respondi, toda profissional. — Eu estava concentrada numa pesquisa e...

Como a praga que era, Dante enfiou a cara no meu monitor.

— No Facebook? — Uma sobrancelha saltou por trás dos óculos.

— É... Para saber o que a galera anda curtindo, os assuntos da semana — corei.

Ele apenas deu de ombros.

— Que seja. Anote todos os contatos do Vinícius e repasse aos repórteres. Se precisarem de fotógrafo, é para ele que devem ligar. E peça para o Murilo me procurar assim que voltar. — E me deu as costas.

— Eu não sou mais a garota dos recados — murmurei, fuzilando-o com os olhos enquanto ele desaparecia dentro da sua sala outra vez.

— Ele é estressado, né? — falou o gostosão. Vinícius.

— Espero que ele enfarte antes dos quarenta.

O fotógrafo riu e me estendeu a mão.

— Vinícius Camargo, mas pode me chamar de Viny.

— Luna Braga. — *Mas pode me chamar de meu amor.*

Ele me exibiu mais um daquele sorriso malandro.

— Luna — ele experimentou. E meu nome nunca pareceu tão sexy. — Combina. Nada é tão bonito, misterioso ou inspirador quanto a lua. Só me faz pensar em paixão desenfreada.

Ah, minha nossa! Ele tá me azarando?!

— Luna, você pode vir aqui um instante? — meu chefe gritou da porta da sua sala. A impaciência estampada em cada traço do rosto.

— Sim, claro — concordei a contragosto, me levantando. — Desculpa, Vinícius, preciso ir.

— Viny — ele me corrigiu. — Tudo bem. A gente conversa depois.

Assim que ele se afastou, marchei para a sala do chefe, amaldiçoando-o durante todo o trajeto. Isso era meio irônico, pois, quando abandonei o estágio num jornalzinho de bairro para trabalhar na *Fatos&Furos*, eu praticamente idolatrava aquele homem. E levou menos de dois dias para que a idolatria se transformasse em aversão. Aconteceu no meu segundo dia ali, quando o Dante esbarrou em mim, me fazendo derramar café no meu sapato de camurça novinho, e nem ao menos se deu o trabalho de pedir desculpas.

— Sua coluna já foi incluída no layout — ele avisou assim que fechei a porta. — Tudo ok.

— Que bom.

Ele me avaliou da sua mesa, os cotovelos apoiados nos braços da cadeira, as mãos unidas sobre o estômago, ocultando o Pac-Man amarelo na gravata preta.

— Você sabe que estamos com um número reduzido de funcionários — ele começou, com aquele seu tom entediado.

— Sim.

— E também sabe que só vai precisar preparar seu próximo texto na semana que vem.

Merda. Eu sabia aonde ele queria chegar com aquela conversa. Como o Dante conseguia acabar com os meus dias daquele jeito? Alguém devia prender o cara.

— Você vai me mandar de volta para a recepção, não vai? — perguntei sem rodeios.

Ele balançou a cabeça uma vez, concordando.

— Só por uns dias. Até eu encontrar outra pessoa para ficar no seu lugar.

— Eu sabia que era bom demais pra ser verdade — murmurei.

Infelizmente, ele ouviu.

— São tempos difíceis, Luna. Todos nós precisamos nos sacrificar. Também vou precisar que cuide do layout dos anúncios. Você sabe usar o Photoshop? Acha que consegue cuidar disso?

Eu quis perguntar o que é que ele estava sacrificando, mas achei melhor ficar na minha. Não é legal confrontar o chefe quando se pretende subir mais alguns degraus. E não era nada legal confrontar o Dante, meu chefe descabelado de temperamento instável.

— Sei o básico — respondi.

— Ótimo! Basta seguir o modelo que já usamos. Outra coisa...

Alguém bateu à porta e entrou sem esperar, interrompendo seja lá o que mais ele pretendia dizer.

Alexia, linda, de regata branca e jeans escuro, sorriu para ele sem parecer se dar conta de que eu também estava ali. Era tão injusto que mulheres como ela ficassem deslumbrantes em qualquer coisa que vestissem. Imaginei que ela ainda teria um ar descolado e ultrasexy mesmo usando um saco de farinha. Por mais que um dia eu me produzisse e investisse em roupas de marca — partindo da premissa de que um dia meu salário seria bom o suficiente para isso —, eu jamais teria aquele glamour todo.

— Oi, bebê — ela falou para o Dante, e eu lutei para não cair na risada. — Eu estava aqui perto e resolvi dar uma passada.

Ele ficou de pé, parecendo sem graça.

— Não me chame assim, Alexia. Não aqui. — E a beijou de leve na bochecha. Desviei os olhos e cruzei os braços nas costas, sem saber bem o que fazer.

— Eu estava por aqui. Fiz umas fotos e bateu uma saudade... — ela se derreteu, dengosa. — Não suporto ficar longe de você por muito tempo. Por isso eu queria *tanto* que você me acompanhasse ao Fashion Week. Por favor, por favor, por favor, Danteeeeee!

Ele se afastou dela, coçando a cabeça.

— Eu já disse que não posso, Alexia. Tenho uma reunião com investidores na data.

Como eu não existia para ninguém ali, resolvi que não notariam minha saída. Entretanto, quando alcancei a maçaneta, o Dante me chamou:

— Espera, Luna.

Alexia finalmente me viu e sorriu educada, antes de se sentar na cadeira atrás da mesa e me avaliar dos pés à cabeça.

— Entendeu tudo o que eu quero de você? — ele quis saber.

— Sim.

— Ótimo! Envie para o meu e-mail o layout de anúncios assim que ficar pronto. Quero dar uma olhada nisso. Agora pode ir.

— Tudo bem — assenti e saí da sala, mas ainda pude ouvir a Alexia perguntar:

— Quem é mesmo essa mulher?

E em seguida a resposta desdenhosa do Dante:

— Ah, é só a menina da recepção.

Todo o meu contentamento por ter conseguido a coluna desapareceu. Meu chefe não me via como jornalista. Eu nem tinha certeza se devia receber esse título por cuidar do horóscopo, já que sempre eram redigidos por astrólogos, mas ainda assim. E menina? Vinte e quatro anos não eram suficientes para ser classificada como mulher?

É só a menina da recepção.

Eu me arrastei até a minha mesa e me joguei na cadeira. Não vi o Viny em lugar nenhum, mas também não podia esperar muita coisa, não é? Um cara bonito como ele não ia dar a mínima para *a menina da recepção*.

O telefone tocou e atendi cuspidando fogo, fazendo meu papel de telefonista outra vez enquanto tinha pensamentos homicidas com o Dante. Eu nunca conseguiria nada na *Fatos&Furos* enquanto aquele estúpido estivesse no comando. Ele sempre me veria como *só a menina da recepção*. E me dei conta de que jamais me tornaria a jornalista que eu sonhava ser se permanecesse ali.

Com isso em mente, desliguei o telefone e abri um arquivo de texto, digitando meus dados de contato.

Eu provaria para aquele redatorzinho, que nem ao menos penteava os cabelos, que eu podia ser muito mais que *só a menina da recepção*.



Horóscopo semanal por meio das cartas com a Cigana Clara

Áries (21/03 a 20/04)

Suas emoções podem estar um pouco confusas no momento, mas não esquente com isso. O cigano apareceu para você. Relaxe e use camisinha.

Touro (21/04 a 20/05)

Saia da zona de conforto e se jogue no desconhecido. Reinvente-se, e você notará a mudança ao redor. Excelente semana para cuidar do cabelo, da pele e pôr a depilação em dia.

Gêmeos (21/05 a 20/06)

Cuidado com a TPM, ou você vai acabar magoando quem mais ama. Chocolates e sucos podem ajudar, mas não deixe de correr para a academia. Coisas boas podem acontecer por lá, além de afinar sua cintura.

Câncer (21/06 a 21/07)

Um cara maravilhoso vai pintar no seu caminho, do tipo que faz o mundo girar. Não estrague tudo olhando para os lados. Preste atenção, gata. Foco!

Leão (22/07 a 22/08)

Semana boa para nutrir laços afetivos. Aproveite e compre aquela maquiagem que a sua amiga está namorando há décadas. Ela vai te amar para sempre.

Virgem (23/08 a 22/09)

Você precisa abrir o olho. E logo! Falsas amizades estão te transformando num caranguejo: sempre dura e nunca anda para frente.

Libra (23/09 a 22/10)


Dê mais valor para o que você deseja. Seja a sua prioridade. Bom momento para terminar aquele projeto e investir na progressiva.

Escorpião (23/10 a 21/11)

Fique atenta. Parece que o seu coração maltratado vai ganhar vida. A ligação pode ser sutil, mas, se prestar atenção, vai saber bem do que estou falando.

 **Sagitário** (22/11 a 21/12)

Parece que está tudo bem (obrigada!) na sua vida profissional. É hora de sair um pouco por aí e perder a cabeça. Aproveite e leve aquele vestido novo para passear.

 **Capricórnio** (22/12 a 20/01)

Tudo lindo para você nesta semana. Amor, família, saúde, emprego... Se eu fosse você, tiraria uns dias de folga e curtiria o momento.

 **Aquário** (21/01 a 19/02)

Seu sucesso atrai energias ruins de pessoas invejosas. É uma boa ideia comprar um batom vermelho para combater a zica.

 **Peixes** (20/02 a 20/03)

Evite tomar decisões importantes quando está de cabeça quente. Saia com as amigas e, mais tarde, avalie a situação com calma.

5

— Cigana Clara? — Sabrina arqueou a sobrancelha perfeitamente delineada ao examinar a última edição da *Fatos&Furos*, enquanto tomávamos o café da manhã na cozinha, na segunda-feira. — Você assinou o horóscopo como Cigana Clara?

— Acho que Luna Braga não é muito cósmico... — dei de ombros, abrindo meu iogurte e lambendo a tampa.

Ela revirou os olhos.

— E você acha que usar um pseudônimo vai te ajudar a chegar aonde quer?

— Não. Justamente por isso usei o pseudônimo. Não cursei jornalismo pra ficar brincando de vidente, Sá. Eu quero ser uma jornalista de verdade. Já nem me importo com a área. Posso até fazer cobertura esportiva, e eu entendo tanto de esportes quanto de signos.

Sabrina fez uma careta.

— Mas, Luna, você disse que mandou seu currículo para várias revistas e jornais... Não incluiu sua experiência na *Fatos&Furos* nele?

— Não, nem mencionei. Não quero que pensem que sou astróloga. Minha área é outra. Ou será, um dia.

— Tudo bem. É você quem sabe. — Ela voltou os olhos para a página e sorriu. — Bem que eu queria que você estivesse certa. Encontrar um cara bacana que ficasse de quatro por mim... — ela reclamou, esfregando o dedo em uma ranhura da mesa azul-clara. — Mas ficou muito bom, Luna. Nem parece que a Cigana Clara não é uma astróloga de verdade.

— E é exatamente nisso que os leitores devem acreditar, ou vão pedir minha cabeça numa bandeja, como vivem fazendo com a Adrielle.

— Relaxa, ficou ótimo. Me deixa no metrô? Não vou para o escritório, tenho uma reunião com um ricaço na cobertura que ele acabou de comprar. Pode ser minha primeira conta, não posso me atrasar.

— E não vai! — Terminei o iogurte às pressas e coloquei o potinho sobre a pia.

Eu estava trancando a porta quando a Bia saiu do apartamento em frente ao nosso. Minha vizinha e seu namorado tinham se mudado para lá havia alguns meses. Viviam se pegando no corredor e onde mais lhes desse na telha, sem se importar com os olhares reprovadores dos outros moradores. E eu não poderia culpá-la por isso. O Fernando era pra lá de gato. A Bia trabalhava na Bolsa de Valores e vivia estressada. Do tipo dominadora, era difícil entabular uma conversa inteira com ela. O Nando tentava ganhar a vida vendendo suas esculturas de materiais recicláveis. Ele saía de Portugal para conhecer o mundo, mas interrompeu a turnê quando conheceu a Beatriz. Meio porra-louca e um amor de pessoa, vivia me usando como cobaia em suas aventuras culinárias. Eles combinavam tanto quanto água e óleo, e talvez por isso funcionassem tão bem juntos.

— Ah, oi, meninas — Bia pareceu apressada, a cabeleira marrom presa em um coque firme na nuca. — Não acredito que tô tão atrasada. O Nando esqueceu de colocar o celular pra carregar e eu fiquei sem despertador. E ontem ele esqueceu onde estacionou o carro e voltou de táxi pra casa. Vamos sair mais tarde pra procurar. — Ela revirou os olhos. — Como se eu já não tivesse um milhão de coisas para pensar. Ainda bem que vou tirar férias logo, viu?

Seguimos juntas pelas largas escadarias. O salto da Bia repicava no antigo piso branco e preto quadriculado.

— Vocês vão viajar? — perguntei a ela.

— Eu ainda não sei. O Nando quer visitar os pais em Lisboa, mas tá tudo meio enrolado. A irmã dele está para ganhar o bebê, então ele queria esperar um pouco mais, pra ir e já conhecer o sobrinho. Mas aí sou eu quem não vai poder. E ainda tenho que pensar no que fazer com a Madona. Não suporto a ideia de deixar minha princesinha em um hotel. Minha mãe não suporta cachorros. Meu irmão adora, mas a megera que vive com ele não, então...

— Ah, a gente pode cuidar da sua cachorrinha, se você quiser — eu ofereci quando chegávamos à calçada.

— Sério? — ela exibiu um sorriso largo. — Ai, Luna, obrigada. Eu estava mesmo rezando pra você me dizer isso, ou eu teria que pedir para o meu irmão, e a mulherzinha dele com certeza ia fazer uma cena. Ela sempre faz...

Bia morria de ciúmes do irmão. Eu não o conhecia pessoalmente, mas sabia que Beatriz e a cunhada viviam se estranhando. Por conta disso, ela e o irmão só se falavam pelo telefone nos últimos tempos.

— A Madona pode ficar lá em casa e você curte sua viagem sossegada. Vou cuidar bem dela, prometo.

Ela lançou os braços sobre os meus ombros e me deu um beijo estalado na bochecha.

— Tá vendo? É por isso que eu te amei desde a primeira vez que te vi! Meu irmão bem que podia ter arranjado alguém como você, e não aquela bruxa. Ai, meu Deus, eu preciso ir! Faturar para garantir as férias. A gente se fala depois! — E saiu correndo em direção ao ponto de táxi na esquina.

Sabrina e eu ficamos ali paradas observando a mulher alta e cheia de curvas em um terninho preto correr elegantemente sobre os escarpins vermelhos.

— Eu não sei como ela aguenta. Ela é totalmente...

— Pillhada — minha amiga completou.

— Vinte e sete horas por dia, como diz o Nando. Vamos embora, Sá, ou você vai se atrasar.



Deixei a Sabrina na estação de metrô mais próxima e segui para a revista. Estacionei ao lado de uma moto esportiva vermelha quase do tamanho do meu carro.

— Bom dia, seu Josemar — cumprimentei ao passar pela imensa porta da recepção do prédio.

— Bom dia, Luna. E o carro? Parou de fazer barulho?

— Que nada. Mas meu irmão deu um jeito no fim de semana. Acho que vai dar pra rodar por mais um tempinho.

— Eu já te falei, se quiser vender esse carrinho um dia... — e abriu um sorriso animado. Seu Josemar era tão magro que chegava a ser curvado. Estava quase careca, mas mantinha um bigode imenso na cara encovada. Era pura simpatia.

— O senhor será o primeiro a saber — confirmei, sorrindo de volta.

Entrei no elevador e segui para o oitavo andar. Quando cheguei, me larguei mais uma vez na odiosa cadeira rosa. Liguei o computador da recepção e esperei a máquina ganhar vida. Assim que abri o programa de e-mails, o Dante surgiu na minha frente.

— Bom dia. Chegou mais cedo hoje — ele falou, colocando as mãos nos bolsos da calça jeans.

— Precisa de alguma coisa?

— Não, só queria dizer que gostei do seu trabalho. No layout e no horóscopo. Não tenho certeza se deixei isso claro na semana passada.

Eu apenas olhei para ele. *Não, não deixou!*, eu quis gritar. Na reunião de fechamento da edição, minha primeira como parte da equipe, o Dante nem chegou a mencionar minha coluna. E, ainda pior, fiquei me retorcendo na cadeira, pois o Murilo não parava de encarar meu decote, que nem era tão profundo assim.

Dante se largou na cadeira da recepção e esfregou o rosto, parecendo cansado.

— Então agora você é a Cigana Clara...

— Pensei em não dificultar as coisas pra você aparecendo com outro no...
— mordi a língua.

Ele franziu a testa. Eu esperei pelo olhar frio e severo; em vez disso ele pareceu se divertir.

— Não tenho sido muito bacana com você, não é?

— Você é o chefe. É sua função não ser bacana... — *Ai, droga, cala a boca!*

Ele riu. Riu mesmo, não um ruído artificial nem nada, o que me assustou um pouco. Dante não sorria, muito menos ria assim.

— Acho que você tem razão — cruzou as pernas de maneira desleixada. — Eu também tive chefes linha-dura, sabia? E, graças a eles, cheguei onde cheguei.

— Quem sabe um dia eu chego lá também.

— E por que não? Você é muito nova. Tem muita coisa para aprender. — Ele se levantou. — Mas eu sinto falta dos meus dias na rua, correndo atrás de notícias, sempre no limite do prazo, com a gastrite atacada... Eram bons tempos. A sua hora vai chegar. Só precisa ter paciência e aguentar tudo o que o mala do seu chefe mandar você fazer.

Eu sorri, e o mais preocupante é que foi espontâneo. Ele me fez sorrir, e não foi por causa de suas gravatas ridículas nem do seu cabelo. O que é que estava acontecendo com o mundo?

— Obrigada pela dica — falei meio sem graça.

— Disponha — ele assentiu e me deixou sozinha.

Fiquei imaginando a razão de o Dante ter se dado o trabalho de falar comigo e cheguei à conclusão de que ele não queria que eu criasse caso quando me desse conta de que não haveria uma nova recepcionista coisa nenhuma. Voltei a atenção para os e-mails e tive uma surpresa... Havia vários para a Cigana Clara.

Querida Clara, você acertou tudo! Não acredito nisso! Nunca li nada que tivesse tanto a ver comigo. Tudo que você previu aconteceu mesmo. TU-DOO!

Oi, Clara! Nossa! Acertou legal a previsão. Não saio mais de casa sem ler meu horóscopo.

Cigana Clara, você é uma gênio! Eu estava arrasada porque meu namorado terminou comigo e li seu horóscopo desacreditada. Mas, na mesma noite, meu melhor amigo se declarou pra mim. Como é que eu nunca tinha prestado

atenção nele antes? Tivemos uma noite mágica. Eu prestei atenção, viu? Você ganhou uma fã!

P.S: Eu sou escorpião ;)

Grande coisa, pensei com os meus botões. Eu também era de escorpião, e nada espetacular tinha acontecido comigo no fim de semana.

Perto das três da tarde, enquanto eu vasculhava edições antigas da revista, procurando para a Júlia uma matéria sobre um músico que tentara se suicidar usando o carregador de celular, alguém se debruçou sobre o grande arquivo de aço esverdeado ao lado dos banheiros.

— Olá, bela Luna — Viny sorriu.

— Oi! — Meu estômago deu um salto. *Aja normalmente. Não banque a idiota de novo. Abra a boca e diga alguma coisa útil. Anda logo! Ele está esperando!* — Que-que bom te ver de novo.

— É, pintou trabalho. Você sabe se o Dante tá aí?

— Tá sim. Vou avisar que você chegou.

— Ei, não precisa ter tanta pressa — ele se adiantou quando eu fechei a gaveta. — Quero falar com você antes. Qual a sua função por aqui?

Reprimi um gemido.

— Sinceramente, nem eu sei mais. Acabei de ganhar uma coluna, ajudo no layout de anúncios, mas continuo na recepção até o Dante contratar alguém.

— Legal. Assim tenho mais chances de te ver. — Ele abriu um sorriso perturbador cheio de dentes que fez meu pulso acelerar. — Qual é a sua coluna?

— Ah... é a de... horóscopo semanal — sussurrei, na esperança de que ele não ouvisse.

Mas ele ouviu.

— Maneiro! Eu me amarro nesses lances esotéricos.

Eu pisquei.

— Mesmo? — *Obrigada, Deus!*

— Acredito que forças poderosas regem nosso destino. Você não?

— Acredito. Claro que sim! — *Em tudo o que você quiser!*

— Por exemplo... — Ele descansou o queixo nos antebraços cruzados sobre o arquivo. — Eu acredito que foi o destino que me trouxe até esta revista.

— Ah, é?

— Com toda certeza. — Ele arqueou apenas uma sobrancelha e me mediu de cima a baixo.

Ai, meu Deus! Ele estava dando uma conferida em mim!

Eu corei e tentei pensar em algo descolado, e de preferência sexy, para dizer, mas não deu tempo.

— Posso te convidar pra jantar nesse fim de semana, ou estou sendo precipitado?

Um misto de alegria e pavor me dominou. O último cara que me levou para jantar no primeiro encontro tinha sido o Igor, e isso já fazia muito tempo, mas eu ainda me lembrava da sensação agonizante que precedera o evento. Mãos suando, frio na barriga, a loucura de escolher a roupa certa, o medo de comer e acabar com um bife inteiro entre os dentes...

Sinceramente, as pessoas só deviam sair para jantar com um possível novo amor depois de já terem certa intimidade.

É claro que eu não pretendia dizer isso ao Viny, mas, mesmo que eu quisesse, não teria tido a chance...

— Viny, cara! Que bom te encontrar. Trouxe o equipamento? — Murilo, que saía do banheiro arrumando os cabelos, parou ao lado do fotógrafo, cumprimentando-o com um soco no braço.

— Tá tudo aqui — Viny garantiu, se endireitando e dando um tapinha na bolsa pendurada no ombro.

— Ótimo! Tenho boas notícias. Vamos cobrir um evento literário no Sul. Já falei com o Dante sobre as despesas e tá tudo acertado.

— Quando? — Viny quis saber.

— Embarcamos amanhã e voltamos no domingo. Algum problema?

— Não. Nenhum. Só preciso reagendar um compromisso. Acho que consigo remarcar para a próxima sexta? — E me encarou.

Sorri para ele e concordei uma vez com a cabeça. Isso me daria tempo para me preparar psicologicamente para o jantar, sem falar que eu precisava marcar depilação, manicure e uma hora no salão para dar um jeito no cabelo.

— Tá rolando alguma coisa entre vocês dois? — perguntou Murilo, meio desconfiado. O jornalista entrou em ação e seus olhos passavam com interesse do Viny para mim.

— De jeito nenhum — respondi, encarando o chão.

— Não, nada — garantiu Viny.

— Que bom. O Dante não gosta que os funcionários se envolvam. Vamos lá. Vem me mostrar do que você é capaz, garoto. — E arrastou o fotógrafo até a sua mesa.

Ai, meu Deus! Eu teria um encontro com o Viny em duas semanas! Será que havia alguma chance de por acaso o Igor aparecer no mesmo restaurante que a

gente? Eu adoraria esfregar o delicioso, sexy e descolado Viny na cara daquele contador idiota.

Percebi que o Viny não mencionara onde jantaríamos, mas não tinha importância. Eu não pretendia comer de jeito nenhum.

Voltei para a pesquisa e encontrei o artigo de que a Júlia precisava. Segui até a mesa dela, sempre de olho no Viny, do outro lado da sala. Às vezes nossos olhares se encontravam e ele me lançava uma piscadela, me fazendo suspirar.

Eu não quis bancar a enxerida e ouvir o que a Júlia estava falando ao telefone, mas era impossível não escutar os gritos dela.

— Sua mãe. Sua mãe. Sua mãe! Será que um dia você vai se importar com mais alguém além dela? Pra mim chega. Ou você me coloca em primeiro lugar ou eu tô fora! — E bateu o telefone com tanta força que eu acho que uma das teclas caiu. — Porco egoísta!

— Namorado? — perguntei sem jeito.

— Nem sei mais. Sabe aquele cara de trinta e cinco anos que vive na barra da saia da mãe? No começo achei bonitinho, o cara protetor e família, mas depois percebi que não era nada disso. Ele não tem coragem de enfrentar a mãe. E ela me detesta, faz de tudo para que ele fique o mais longe possível de mim. Inventa doenças, infestação de baratas na casa ou outra maluquice qualquer que mantenha o Renato preso a ela. Não aguento isso. Eu mereço um cara que me coloque em primeiro lugar, não mereço?

— É claro que mereço!

— Poxa, eu ralo pra caramba pra dar uma vida legal para a Bibi, já que o pai dela mal paga a pensão. Eu tenho o dedo podre para homens, Luna. O pai da minha filha é um canalha que só quer saber de curtir a vida. O Renato é um filhinho de mamãe. Onde é que estão os homens de verdade?

— Talvez tenham sido abduzidos — sugeri, entregando a ela o antigo exemplar.

— Ah, você encontrou o que eu precisava, obrigada! Você é uma estrela!

— Se precisar de mais alguma coisa, é só falar.

— Valeu. Ei, eu adorei sua coluna. Parabéns! Foi a primeira vez que me diverti lendo o horóscopo. Bem que eu queria que acontecesse mesmo tudo o que estava previsto para o meu signo. Uma noitada daquelas... — ela suspirou. — Mas o máximo que vou conseguir é ouvir o Renato resmungando sobre a mãe, então é melhor eu focar no sucesso profissional.

Voltei para minha mesa e fiquei impaciente depois que o Viny e o Murilo entraram na sala do chefe. Por que justo hoje o Dante resolveu baixar as persianas da janela? Fiquei esticando o pescoço e quase caí duas vezes da cadeira, na

expectativa de que saíssem logo de lá. Levou quase uma hora para isso acontecer, mas o Dante os acompanhou, então o Viny não veio falar comigo, apesar do sorriso discreto que me lançou ao deixar a redação.

Tentei me concentrar em responder aos e-mails de reclamações e sugestões pelo restante da tarde. Quando meu turno acabou, juntei minhas coisas e desci até a portaria. O porteiro estava à minha espera.

— Eu tenho algo pra você. — Seu Josemar me estendeu um pedaço de papel. — Foi aquele moço do cabelo esquisito que deixou isso aí. Eu não li, juro.

— Eu sei que não. Obrigada, seu Josemar.

Impaciente, corri para o estacionamento com o coração aos pulos. Abri o pedaço de papel. Gargalhei ao me deparar com o desenho de um sapinho muito fofo, com coraçõezinhos no lugar dos olhos, admirando uma lua muito sexy de lábios carnudos. Sob o desenho, um número de telefone.

6

Quanto tempo se deve esperar para telefonar para alguém que te convidou para sair? Talvez eu devesse deixar o Viny um pouco ansioso e esperar uns dois ou três dias. Não queria dar a impressão de que estava tão interessada assim. Mulheres desesperadas não são nada atraentes e assustam os homens. Ligar para ele naquele momento era uma opção completamente descartada. De jeito nenhum eu lhe daria a chance de pensar que eu estava tão na dele assim. *Eu ligo na quarta*, decidi. *Depois de redigir a coluna*. Sorri, orgulhosa de mim mesma por ter tanto autocontrole.

Entrei no carro e joguei a bolsa no banco do carona, mas estava aberta, então seu conteúdo foi parar no assoalho. Meu celular ficou no topo da pilha de coisas. Encarei o aparelho por alguns segundos antes de pegá-lo e apertar alguns botões.

— Viny falando.

Tá legal, isso não tinha nada a ver com autocontrole e tudo a ver com... estar sozinha, carente, devorando uma barra de chocolate — nada diet — a cada dois dias.

— Oi, é a Luna.

Ouvi um suspiro satisfeito.

— Que bom que você ligou. Pensei que fosse me fazer suar por uns dias.

— Talvez eu devesse mesmo — murmurei, deslizando o indicador pelo volante.

— Seria totalmente desnecessário. Eu já suo em bicas quando estou perto de você. Não precisa me deixar no suspense — confessou.

— É mesmo? — Um sorriso largo esticou meus lábios.

— Pode ter certeza. Olha, eu viajo amanhã e só volto no domingo, mas eu queria muito te levar pra jantar na semana que vem. Isto é, se você estiver a fim e não tiver compromisso.

— Eu adoraria, Viny.

— Ótimo. Eu te ligo assim que voltar de viagem pra gente combinar. Algum lugar em especial que você gostaria de ir?

— Não, nenhum. Não foi bem a comida que me deixou interessada, mas... a companhia.

— Cara, eu queria muito estar do seu lado agora para ver seus olhos. Nunca vi nada tão lindo. Parecem joias, duas esmeraldas. É uma janela escancarada para a sua alma. Consigo ver tudo dentro deles.

— Tu-tudo? — perguntei, entrando em pânico.

— Bom... não tudo. É por isso que eu queria estar aí. Para aprender mais sobre você. Aprender tudo sobre você e... — Alguém gritou o nome dele. — Humm... Preciso desligar. Tô tentando fazer umas fotos de uma modelo russa que veio ao país escondida.

— Tudo bem. A gente se vê na semana que vem.

— Já estou contando os dias. — E desligou.

Com um sorriso de orelha a orelha, dei partida no carro. O motor gemeu querendo ganhar vida, mas logo morreu com um gorgolejo sofrido.

— Ah, não, por favor. Vamos lá. Pega! — Tentei de novo, e o carro continuou se recusando a ligar. Tentei mais três vezes e, na última, consegui fazer o motor ronronar. — Isso!

Repassei a conversa toda com o Viny — umas doze vezes — enquanto dirigia para casa e depois quando subia até o terceiro andar.

Sabrina estava me esperando na porta do apartamento, uma revista nas mãos e um sorriso no rosto.

— Funcionou! — ela disse, segurando a página do horóscopo aberta. — O que você escreveu sobre o meu signo. Deu certo!

— Deu?!

— Arrã. Bom, não tenho certeza ainda, mas eu fui à tal reunião com o ricaço que quer reformar a cobertura, e adivinha?

— Você ficou com a conta? — tentei.

— Fiquei, mas não é isso. O Lúcio me convidou para jantar, para discutirmos a reforma. Eu não só consegui a conta como ele parece interessado em mim. E é *muito* gato, mesmo sendo ruivo! — ela soltou um suspiro e revirou os olhos.

— Sem querer cortar o seu barato, não foi isso que eu escrevi para câncer.

— Foi sim. Tá bem aqui, ó! — Ela fixou o olhar na revista e começou a ler: — “Um cara maravilhoso vai pintar no seu caminho, do tipo que faz o mundo girar. Não estrague tudo olhando para os lados. Preste atenção, gata. Foco!” Você não vê?

Não, eu não via. Esse era o problema da minha amiga, ela via cores onde não existiam.

— Tem *certeza* que o cara parecia interessado em você, Sá?

— Tenho! Ele me comeu com os olhos, e às vezes sorria de um jeito meio... Ai, Luna, ele é tão... charmoso e educado! Vou encontrá-lo daqui a pouco, preciso da sua ajuda. O que devo vestir?

— E se você e ele tiverem expectativas diferentes sobre esse jantar... — comentei preocupada, mas ela me cortou.

— Mas não temos. — Ela me puxou para dentro de casa. — E, se por acaso eu tiver entendido tudo errado, vou seguir seu conselho e partir pra cima.

— Eu nunca disse isso! — objetei consternada, fechando a porta.

— Disse sim! Tá aqui, preto no branco. “Não estrague tudo olhando para os lados. Preste atenção, gata. Foco!” — Ela deu um tapa na revista, depois a atirou sobre a mesinha de centro e me arrastou pela mão até o seu quarto.

Ao contrário do meu (simples e sem muita frescura, se não contar a colcha roxa sobre a qual não pude fazer nada, já que foi presente da minha avó), o quarto da Sabrina era uma mistura de gêneros e culturas que inacreditavelmente funcionava. Havia máscaras tribais nas paredes magenta, bem ao lado da penteadeira estilo anos 20.

— Você precisa me ajudar a ficar sexy sem ser vulgar — ela suplicou.

— Sá, escuta. — Eu estava apreensiva. Quando a Sabrina encasquetava com algo, era difícil persuadi-la do contrário, mas eu não queria que ela se magoasse outra vez. No ano passado ela se apaixonara por um cara do escritório, lindo de morrer, superatencioso e completamente gay. Levou meses até ela entender que não rolaria nada entre eles. — Não leva a sério as coisas que eu escrevi, tá? Você sabe que eu não sou astróloga de verdade, nem taróloga. Eu sou uma fraude.

— Uma fraude muito boa — ela apontou, revirando o guarda-roupa.

Gemi.

— Você vai acabar se dando mal que nem da última vez!

— Vou correr o risco. O Lúcio não parece gay. Aliás, o jeito como ele olhou para as minhas pernas deixou claro que ele é tudo, menos gay. O que acha deste aqui? — Ela tirou um vestido verde-claro com uma única alça de dentro do armário perfeitamente arrumado.

— Muito festa.

— E este?

— Muito balada.

— Que tal este...? — perguntou esperançosa, sacudindo o cabide com um tubinho azul elegante.

— É lindo e perfeito para um encontro, mas, para um jantar profissional, eu não sei se...

— Então vai ser este mesmo. Eu ia ligar para pedir uma pizza pra você, já que fiquei de trazer o jantar e esqueci completamente. Mas a Beatriz me encontrou no corredor e convidou a gente para jantar com ela e o Fernando. Ele vai cozinhar de novo.

Revirei os olhos.

— Que maravilha! — Eu me joguei na cama grande. — O que vai ser hoje? Cozinha marroquina ou neozelandesa?

— Acho que grega. Moussaká ou alguma coisa assim. A Bia falou que ele adorava comer esse treco quando morou em Atenas.

— Mas ele sabe cozinhar isso ou só comer? — Eu me apoiei nos cotovelos enquanto assistia a Sabrina começar a saga do tira-e-põe sapatos até encontrar o par perfeito.

— Tomara que saiba cozinhar, ou amanhã você vai vomitar até as tripas outra vez.

— Ai, vai com essa! — falei, admirando a sandália coral de tiras finas e salto alto que ela encaixara no pé direito. — É perfeita!

Em meia hora ela estava pronta, exalando ansiedade e Armani Code. Os cabelos claros estavam presos em um rabo de cavalo alto, e o rosto, casual e levemente maquiado. Como sempre, ela estava linda.

Sabrina conferia o dinheiro na bolsa quando joguei a chave do meu carro para ela.

— Ah, não, Luna. Você sabe que o seu carro é temperamental e só funciona, bem mais ou menos, com você.

— Ei, é um ótimo carro! — contestei.

— É... quando quer. Não quero ficar na rua esperando o guincho.

— Para sua informação, faz mais de dois meses que eu não piso numa oficina mecânica.

— Por falta de grana, não de problemas no carro — assinalou. — Eu agradeço, mas prefiro ir de táxi. Nem sou tão boa motorista assim e não quero arrancar a lataria do seu Twingo.

Eu teria acreditado naquilo se ela não tivesse desviado os olhos para o chão e corado como uma adolescente. Ah, não, Sabrina...

— Você espera que o tal ricoço te traga em casa. — Não foi uma pergunta.

— E se for isso?

— Não quero que você se magoe, Sá. Toma cuidado, tá? Presta atenção nas expressões corporais dele. E, se precisar, me liga que eu busco você.

— Nem todo homem é igual ao você-sabe-quem — ela sussurrou, constrangida.

— Eu sei, Sá. Só toma cuidado.

Assim que ela saiu, atravessei o corredor e toquei a campainha do apartamento em frente. O moreno de cabelos encaracolados e olhos azuis abriu a porta com um guardanapo no ombro e um risco branco na bochecha — podia ser farinha, amido de milho ou, em se tratando do Fernando, talco ou soda cáustica.

— Eu pensei que irias demorar um pouco mais. A moussaká ainda não está pronta, mas podes acompanhar-me num Porto — ele foi dizendo conforme se afastava para me dar passagem.

— Eu não sabia o que trazer, então escolhi a sobremesa. — Entreguei a ele o pote de sorvete. A única sobremesa que eu conseguia “preparar” sozinha.

— Muito gentil de tua parte. — Ele fechou a porta com cuidado. — Beatriz está a tomar banho. Podes ajudar-me com o forno?

— Claro.

O apartamento da Bia era uma graça. A decoração feminina destoava tanto da crueza das esculturas do Nando que o efeito era estonteante. Uma bolinha branca de pouco mais de vinte centímetros de altura se apressou na minha direção fazendo muito barulho.

— E aí, Madona? — Eu agachei e acariciei sua cabecinha. Ela pareceu contente, mas, fêmea que era, aquela atenção não foi suficiente e ela só parou de latir quando eu a peguei no colo.

Segui o Fernando até a cozinha com a Madona se contorcendo nos meus braços, tentando lambeir meu rosto.

— Você tem que segurar o botão por uns segundos ou não vai ligar — expliquei ao Fernando. — É um tipo de trava de segurança para não ter vazamento de gás.

— Pois eu bem que tentei, mas o raio do gás teima em apagar-se. Por que gostam de complicar tudo hoje em dia?

— Eu não sei.

— Olha para isso. — Ele enfiou a travessa na minha cara.

Madona se esticou toda ao sentir o cheiro da comida e tentou abocanhar um pouco. Eu a coloquei de volta no chão.

— Parece... — *qualquer coisa menos algo comestível* — bom. Onde você aprendeu a fazer?

— No Google. Eu adorava comer moussaká em Atenas. É delicioso.

Tomara!

Ele colocou a travessa no forno e ajustou o timer. Pegou uma garrafa de vinho do Porto, serviu dois cálices e me ofereceu um.

— À vida. — Nando bateu seu cálice no meu e mandou o vinho goela abaixo.

— À vida. — E fiz o mesmo.

Ouvimos a voz da Beatriz, e Madona saltitou no piso de madeira clara em direção à dona.

— Eu sei, mas não posso fazer nada — dizia ela. — A mamãe sabia que eu pretendia viajar. Não posso cancelar só porque ela decidiu dar uma festa.

Ela entrou na sala, com a cadelinha esfregando a cabeça no seu tornozelo. Eu sempre me surpreendia ao ver a Beatriz com roupas informais. Era como, sei lá, ver o Ronald McDonald de terno. Parecia errado.

— Não, eu entendo — ela continuou —, mas ela também vai ter que entender. Desculpa, Dadá, mas você vai ter que encarar essa sozinho. Não, já arrumei. Uma amiga vai cuidar da Madona. Imaginei que a sua mulher não fosse gostar muito da ideia. Ela não é bem uma amante dos animais... ou dos seres humanos. Ah, nem vem. Você é a única pessoa neste planeta com quem ela parece se importar. E eu disse *parece!* Não estou convencida disso ainda.

— Ela realmente odeia a cunhada — Fernando cochichou no meu ouvido.

— Dá pra ver.

— Tá, tudo bem — Beatriz falou ao telefone. — Eu te aviso assim que comprar a passagem. Beijos. — Ela desligou e fez uma careta. — Dá pra acreditar numa coisa dessas? Minha mãe resolve dar uma festa bem quando eu decido tirar férias. Ela faz de propósito, só pode!

— A tua mãe adora dar uma boa festa — Fernando zombou, servindo um cálice para ela.

— Ela não consegue me ver feliz. Meu irmão está furioso, porque vai ter que encarar aquela gente esnobe sozinho, enquanto eu estarei em Lisboa, sã e salva, com meu português delicioso, curtindo as minhas primeiras férias em seis anos. É melhor comprarmos logo as passagens.

Fernando assentiu e a Bia bebericou seu Porto, antes de me pegar pelo braço e me olhar com expectativa.

— Obrigada por ficar com a Madona. Não quero deixá-la num hotel para animais e muito menos com a megera da minha cunhada.

— Vai ser divertido. Eu e a Sabrina vamos adorar ter mais uma garota em casa.

Aproveitando que o namorado tinha voltado para a cozinha, ela sussurrou:

— Você viu o que o Nando preparou? Parece comida dessa vez?

— Hã... bom... não parece tão ruim quanto o puchero que ele tentou fazer da última vez. Mas eu nunca vi um moussaká... Ou é *uma* moussaká?

— Não faça ideia! Tudo o que sei é que é feito com carneiro. E eu não gosto de carneiro! — revelou, em pânico.

— E por que você não disse isso pra ele? — franzi a testa.

— Porque ele cozinha para me agradar. Ele nunca acerta, e é melhor nem lembrar aquele ensopado caribenho que levou a gente para o hospital, mas eu acho tão fofo quando ele tenta cozinhar. Seria maravilhoso se um dia ele finalmente conseguisse...

— É, especialmente porque você sempre me convida — eu ri, mas aquilo de alguma forma me deixou para baixo. E nem era pela mais nova tortura culinária do Fernando. O Igor nunca cozinhou para mim. Nem mesmo pipoca de micro-ondas, ou uma sopinha quando eu ficava resfriada.

Eu esperei a comida ficar pronta como alguém que espera uma catástrofe iminente. O Fernando não decepcionou. A moussaká lembrava vagamente uma lasanha, só que feita de carne e algo mole meio gosmento. E estava doce.

— Humm... que gostoso — Beatriz falou depois de engolir uma garfada com dificuldade.

— Preparo sempre que quiseres. — Animado, Nando completou nossa taça de vinho. — Não é tão difícil.

Olhei para a Beatriz em pânico. Eu ainda lutava para comer o meu pedaço.

— Não, não! — ela se apressou. — É muito delicioso para ser preparado assim, num dia qualquer. Talvez você devesse fazer só em ocasiões especiais.

— Aquelas muito especiais mesmo! — acrescentei, tomando um bom gole de vinho para ajudar a gororoba a descer.

Nando sorriu e acariciou o rosto da namorada com as costas da mão. Desviei os olhos para o meu prato e aproveitei a distração do cozinheiro para pegar um pouco de moussaká e oferecer a Madona. Ela comeu sem reclamar e lambeu meus dedos até que não restasse nem um pedacinho de comida. Os cachorros são, sem dúvida, os melhores e mais leais amigos do homem.

Fernando pegou seu garfo e finalmente experimentou sua iguaria.

— Porra, Beatriz! Isso está horrível! — Ele cuspiu o pedaço que tinha na boca e virou o conteúdo de sua taça goela abaixo. — Por que não me disseste que isso estava tão ruim?

— Ah, meu amor... — Ela esticou a mão e afagou seu antebraço. — Não está tão ruim assim.

Ele bufou e me lançou um olhar reprovador.

— E tu, rapariga? Podias ter me dito que voltei a enganar-me.

— Desculpa, Nando, mas eu não tinha como saber — me justifiquei, corando. — Nunca comi moussaká antes.

Ele revirou os olhos e se recostou na cadeira, mas agora sorria.

— Vocês, as duas, são as criaturas mais graciosas que já pisaram esta terra. Fico muito agradecido pela indulgência. Quem sabe acerto na próxima vez — acrescentou ele, sonhador. E então nós todos começamos a rir.

Acabamos pedindo uma pizza e nos divertimos pelo resto da noite. Fernando era um ótimo contador de histórias, especialmente sobre suas aventuras culinárias, e me fez dar boas risadas. Depois do sorvete, voltei para casa e caí na cama. A Sabrina ainda não tinha voltado, e eu me perguntei como ela estaria se saindo. Decidi esperar acordada, e meus pensamentos acabaram tomando um rumo que ultimamente eu evitava a qualquer custo. Eu não queria admitir nem a mim mesma, mas a verdade é que eu ainda pensava no Igor. E, ao ver o casal feliz e apaixonado que o Nando e a Bia formavam, percebi que nós nunca chegamos nem perto disso. *Ele* nunca chegou perto disso. Senti como se os dois últimos anos da minha vida não tivessem sido nada além de uma grande mentira que contei a mim mesma.